

## OS APANJEKRA E O PREVFOGO: UMA ANÁLISE DAS PERCEPÇÕES E ATUAÇÃO DA BRIGADA NA ALDEIA PORQUINHOS (MA)

### THE APANJEKRA AND THE PREVFOGO PROGRAM: AN ANALYSIS OF PERCEPTIONS AND BRIGADE ACTION IN THE VILLAGE PORQUINHOS (MA)

**Josivan da Cruz Vilanova**

Universidade Federal do Tocantins (UFT), Fundação Nacional do Índio (FUNAI)  
josivanvilanova@gmail.com

**Bruno dos Santos Hammes**

Universidade Federal do Tocantins (UFT)  
brunohammes@hotmail.com

**Resumo:** *O presente estudo teve por finalidade apresentar o Programa de Prevenção e combate aos Incêndios Florestais (Prevfogo) através de uma abordagem qualitativa analisando assim dados produzidos através de observações de campo e entrevistas na sua brigada instalada na Aldeia Porquinhos, território dos indígenas Canela-Apãjekra no Município de Fernando Falcão no estado do Maranhão. Para tanto, faz-se uma apresentação e contextualização histórica da comunidade para em seguida trazer uma visão da comunidade sobre o trabalho que o programa vem desenvolvendo na Aldeia. Após destacar essas duas dimensões o trabalho apresenta um pouco do que os brigadistas indígenas – Canela, acham do mesmo. Para obter essas informações foram realizadas entrevistas semiestruturadas aplicada aos seguintes públicos: comunidade e brigadistas, contendo dez perguntas relacionadas às formas através das quais a comunidade trabalha/ maneja o fogo. Entre os resultados que este trabalho pode produzir destacamos a percepção dos indígenas dos benefícios que a brigada trouxe para a terra indígena, e ainda que na visão dos indígenas o trabalho deveria ser perene e não apenas sazonal, o que ajudaria na conscientização do povo para os perigos de incêndio, que ainda é incipiente e fruto da parceria com o IBAMA-Prevfogo.*

**Palavras-chave:** *Conscientização; incêndios florestais; Prevfogo; Povos Canela- Apanjekra*

**Abstract:** *This article presents a Preflight Forest Fire Prevention and Control Program through a qualitative approach, analyzing data produced by field observations and interviews in its fire brigade created in Aldeia Porquinhos, a territory of the Canela-Apãjekra Indians in the Municipality of Fernando Falcão, in the state of Maranhão. For this, it is a historical presentation and contextualization of the community and then brings a vision of the community about the work that the program has been developing in the village. After highlighting these two dimensions, the work presents a bit of what the indigenous fire brigades who are of the Canela-Apanjekra ethnicity think of it. To obtain this information, semi-structured interviews were applied to the following publics: community and fire brigadeists, containing ten questions related to the ways in which the community works / administers fire. Among the results that this work can produce, we highlight the Indians' perception of the benefits that the fire brigade brought to indigenous land and, although in the view of the Indians, work must be perennial and not just seasonal, which will help increase the population awareness of fire risks, which is still incipient and fruitful in partnership with IBAMA-Prevfogo.*

**Key words:** *Awareness; forest fires; Prevfogo; Canela-Apanjekra ethnicity*

## Introdução

O presente estudo tem por finalidade apresentar ao leitor o Centro Nacional de Prevenção e Combate aos Incêndios Florestais (Prevfogo). Por se tratar de um trabalho de cunho qualitativo e etnográfico optei realizar esta pesquisa tendo como campo a brigada instalada no contexto da Aldeia Porquinhos, do povo indígena Canela-Apanjekra localizada na cidade maranhense de Fernando Falcão.

Para cumprir este propósito específico resolvi começar o trabalhando analisando o edital de seleção de brigadistas para o programa e a seleção para o ano de 2016 em si. Ainda compõem os dados produzidos para esta pesquisa observações que o pesquisador realizou, de forma mais sistematizada, no mês de maio de 2016. Ocasão está onde aconteceu, na própria comunidade, o processo de seleção de brigadistas do programa em estudo.

Antes de aprofundar na problemática proposta, é preciso apresentar de maneira sistematizada quem são os indígenas que formam a comunidade da Aldeia Porquinhos. A primeira coisa então é dizer da etnia, conhecidos pelos não-indígenas desde o início do século XIX, segundo (Kowalski, 2008), por Canelas, ou em algumas situações grafado como Kanela. Nas palavras do autor, eram conhecidos “como Capiécans, que também se chamavam Ramkokamekrá, bem como, mais tarde, Apanyekrá e Kenkateyê” (Kowalski, 2008, p. 65).

O nome Canela que na língua portuguesa se refere tanto à tibia (osso do corpo humano) quanto a uma especiaria bastante conhecida e usada na culinária brasileira, foi atribuída ao povo por conta da segunda conotação. Visto que desde os primeiros contatos os mesmos utilizavam e utilizam até hoje da resina da árvore canela como meio para fixar os adornos e penas sobre o corpo.

Ainda de acordo com (Kowalski, 2008) durante os primeiros contatos entre os Canela e os não-indígenas, os mesmos residiam no sul do Maranhão, no entanto, o autor afirma que no ano de 1913 os Canela-Kenkateyê foram atacados e dizimados, depois disto os relatos dão conta de que os sobreviventes do massacre se refugiaram junto aos Ramkokamekrá, aos Apanjekra e uma outra parte se juntou aos parentes Krahô.

Após anos deste fato, novas divisões aconteceram dentro do grupo Canela. Momento em que eles assumiram a denominação Canela como autodenominação. Assim sendo, os Canela-Ramkokamekrá passaram a se autodenominar, Canela apenas, por uma escolha do grupo e, os Apanjekra passaram a ter a dominação de Canela-Apanjekra, grupo do qual os moradores da aldeia indígena Porquinhos pertencem.

Os Canela-Apanjekra estão localizados no Estado do Maranhão. Segundo (Nascimento, 2016, p. 78) se encontra fixada no mesmo local desde o ano de 1968, “NORTE: coordenadas geográficas 06°00’48”S e 45°46’13”W, LESTE: coordenadas geográficas 06°08’44”S e 45°29’18”W, SUL: coordenadas geográficas 06°13’34”S e 45°46’11”W; OESTE: coordenadas geográficas 06°01’15”S e 45°45’51”W”.

No entanto no que se refere à demarcação de terra indígena (T.I.) de Porquinhos, a mesma só foi finalizada no ano de 1982. Já os Ramkokamekrá “Habitam desde o século XVII, a região situada entre as coordenadas geográficas dos 3º a 9º de latitude sul e 42º a 49º de longitude Oeste”, é o que aponta Kowalski (2008, p. 69).

A aldeia localiza-se próxima aos municípios maranhenses de Barra do Corda e Fernando Falcão. No entanto, apesar de a aldeia pertencer oficialmente ao município de Fernando Falcão, a maioria dos indígenas Canela-Apanjekra fazem suas compras, frequentam e resolvem seus problemas, no município de Barra do Corda. Análises preliminares apontam que este fenômeno se deve ao fato do presente município conseguir atender melhor às necessidades dos mesmos, uma vez que existe no mesmo uma série de instituições, como agência do banco do Brasil, um comércio varejista com mais lojas e melhor estruturado e ainda um posto da FUNAI. Além disso,

É em Barra do Corda que foi instalada a primeira sede do órgão indigenista oficial para tratar exclusivamente dos “arredios” Timbira e onde atualmente funciona o Núcleo de Apoio Local Kanela-NAL-Kanela. Portanto Barra do Corda é parte intrínseca da “arena” de relações sociais dos Apãniekra (Nascimento, 2016, p. 80).

A área que corresponde à T.I. Porquinhos equivale hoje a 150.000 mil há, tendo os indígenas fixado as residências num ponto praticamente no centro da terra Indígena, próximo ao rio Corda. A região possui ainda alguns ribeirões e a vegetação predominante é o cerrado. Segundo conversas informais com moradores mais antigos da comunidade, eles me relataram que o motivo que fez a Aldeia passar a ser conhecida popularmente (e depois adota-lo como nome oficial) como aldeia Porquinhos se deve ao fato de que no momento de chegada dos Canela-Apanjekra na localidade havia muitos porcos queixadas e daí em diante a aldeia passou a ser conhecida como aldeia Porquinhos.

No que se refere à organização e ocupação do espaço pelos Canela-Apanjekra, a aldeia possui o formato circular, seguindo assim um certo padrão que os estudiosos também perceberam em outros povos timbira. Formato que segundo Roberto DaMatta (1976) seria uma marca

arquitetônica adotada pelos indígenas pertencentes ao tronco linguístico Jê. Seria ele: no centro da aldeia existe um grande pátio (também chamado de grande redondo), local de grande importância social para a manutenção da comunidade, pois é o local onde são discutidos todos os assuntos que envolvem a mesma, tiradas as decisões e ainda é ali que são realizados rituais.

Já nos arredores e a partir deste são construídas as casas dos aldeados. O interessante que se pode observar desta organização é que entre as casas e o pátio existem estradas onde o mato não cresce e fica aparente apenas a terra, dela se forma um desenho no chão produzido pela marca das estradas que simbolizam os raios do sol, enquanto o descampado ao redor (que inclui o pátio) representa o próprio sol.

Os Canela têm sua dieta baseada no plantio de alimentos tais como, macaxeira, mandioca, milho, feijão, arroz entre outros. Além da subsistência e pelas necessidades externas, os Canela possuem fontes de renda que estão baseadas, principalmente, nos trabalhos que alguns deles/as realizam para o Estado, serviços que as mulheres realizam para os não-indígenas que trabalham na aldeia (como cozinhar, lavar roupa e etc.) e ainda os artesanatos que as mulheres da comunidade fazem para serem vendidos nos municípios arredores e na própria aldeia em época de festividade, para as quais as pessoas vem dos arredores para participar.

Ainda compõe o leque de alternativas dos aldeados, complementam estas fontes citadas, os programas sociais que compõe o sistema de Seguridade Social do Governo Federal o principal deles, o programa de transferência de renda Bolsa-Família e, para os idosos ou incapacitados por alguma moléstia têm algumas famílias que recebem a aposentadoria.

Com base nos dados obtidos por mim junto aos Agentes de Saúde por meio de informações censitárias, contabilizamos que na aldeia Porquinhos, vive um numero aproximado de 765 habitantes, subdivididos em aproximadamente 223 famílias e residindo em 192 casas.

No que se refere ao quesito moradia dos mesmos, quase todas as casas possuem cobertura e paredes feitas de palha de naja (fruto nativo da região), sendo que existe uma variação onde algumas dessas são erguidas com paredes de barro e somente a cobertura feita de palha. Existem, em menor número, também casas feitas de tijolos e cobertas de telha, no entanto são somente 12 (doze), incluídos neste número tanto a Escola Municipal quanto a Estadual, o Posto de Saúde e o antigo posto da Fundação Nacional do Índio (FUNAI).

## **O PREVFOGO: da sua implementação até a situação atual da Brigada Porquinhos**

O Centro Nacional de Prevenção e Combate aos Incêndios Florestais (Prevfogo), projeto desenvolvido pelo Instituto Brasileiro do Meio-Ambiente (IBAMA) surgiu no final dos anos 1980 quando dados referentes aos grandes focos de calor foram identificados pelo Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE). Este constatara que havia mais de 250.000 focos de calor detectados na região, tendo sido queimados mais de 200 mil km<sup>2</sup> de vegetação com isso tornou-se evidente a necessidade de ações governamentais para trabalhar as ações de prevenção e combate à incêndios florestais. Desse modo,

O Prevfogo é um Centro Especializado do IBAMA criado conforme o Regimento Interno aprovado na Portaria nº 230/2002. Sua missão está definida no Decreto nº 2.661/98, que atribui ao Centro a responsabilidade de desenvolver programas integrados do Governo, destinados a ordenar, monitorar, prevenir e combater incêndios florestais, cabendo-lhe, ainda, desenvolver e difundir técnicas de uso controlado do fogo, capacitar recursos humanos para a difusão das respectivas técnicas e conscientizar a população sobre os riscos do emprego inadequado do fogo (BRASIL. Ministério do Meio Ambiente. Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade, 2010).

Vale ressaltar que de acordo com Sousa Junior (2006), de início o programa de prevenção aos incêndios Florestais só poderia ser exercido por corpos de bombeiros, e grupos de voluntários organizados pela comunidade ou pelas brigadas. E somente a partir do decreto nº 2.661/98

mencionado acima que revogou a lei anterior, que se tornou possível que o mesmo fosse executado pelas diversas esferas públicas.

O Prevfogo é um programa com inspiração em programas de outros países que adotaram esse mesmo modelo de combate ao fogo. Países que também tiveram problemas com incêndios como, por exemplo: Estados Unidos, Chile, países europeus e a Austrália. De acordo com o IBAMA (BRASIL, 2010) de início, as primeiras brigadas foram direcionadas para as Unidades de Conservação Federais (UCFs), ou seja, parques nacionais, como as reservas biológicas, estações ecológicas e outras unidades que eram de atribuição do IBAMA. Vale ressaltar que essas brigadas iniciais tiveram excelentes resultados, pois a ocorrência de incêndios foi reduzida significativamente nas unidades tanto pelo combate direto quanto pelas ações de prevenção.

Em 2007 foi criado o Instituto Chico Mendes para a conservação da biodiversidade – ICMBio pela lei n 11.516 de 28 de agosto. O mesmo, entre outras atribuições, ficou responsável por gerir as brigadas a partir de 2008. Neste mesmo ano o IBAMA lançou o programa de Brigadas nos municípios mais críticos do país, ou seja, os que o INPE havia detectado maiores números de incêndios florestais. O desenvolvimento foi tanto e tão acertado que já no ano de 2012 o programa chegou a um número de 2.100 brigadistas contratados.

Atualmente o programa Prevfogo, atua principalmente nas Terras Indígenas (T.I.s) e nos assentamentos de reforma agrária do país. Os incêndios florestais segundo o IBAMA são mais comuns nessas áreas, sendo as mesmas consideradas áreas críticas por isso. No caso dos assentamentos, a brigada de controle e combate ao fogo seria composta pelos próprios assentados, de modo que o governo capacita os mesmos através de técnicas para combate, prevenção e queima controlada. Nestas situações o Prevfogo trabalha em parceria com o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA). Vale ressaltar ainda que além do programa nacional de brigadas, alguns Estados implementaram suas próprias brigadas em municípios.

Com relação ao programa Prevfogo nas aldeias indígenas, a primeira a ser contemplada foi a Irantxe no Município de Brasnorte, no Mato Grosso (MT), essa brigada apresentou excelente resultado. Os incêndios foram completamente controlados a partir da instalação da brigada e não houve nenhum problema de disciplina. Ou seja, houve um trabalho sem problemas no que se refere ao trabalho em grupo, o número de roças tradicionais duplicou, pois, muitos indígenas que estavam trabalhando nas fazendas retornaram para as práticas tradicionais de manejo do cerrado.

Em 2011 foi publicada a lei complementar 140 que estabeleceu atribuições dos governos Federal, Estadual e Municipal na área ambiental, a partir dessa lei o IBAMA teve suas atividades direcionadas para as terras indígenas. O Prevfogo refez seu planejamento e organização criando o programa de brigadas Federais, focando no controle dos incêndios nas Terras Indígenas (T.I.s).

Segundo o IBAMA, para o ano de 2016, de acordo com a redistribuição orçamentária imposta pela Lei Orçamentária Anual (LOA), há a previsão da contratação de 1161 brigadistas, a metade de contratados em 2012, para atuarem nas brigadas. Este número de pessoas implica em gastos na ordem de R\$ 10 milhões para salários e encargos trabalhistas. Sendo que deste total de brigadistas 430 terão a efetivação de seus contratos adiados devido ao cenário de crise que o país se encontra.

Ainda segundo o Governo Federal, o adiamento será realizado nas seguintes situações: 1. Os brigadistas que não realizam os processos seletivos; 2. Aqueles cujas brigadas não estejam em Terras Indígenas ou; 3. Aqueles que estão em regiões com menores indicativos de incêndios de risco de fogo. As edições passadas das brigadas do Prevfogo tinha a duração de 6 (seis) meses, já no ano de 2016 aqueles que não tiveram sua contratação adiada, terão sua duração de contrato reduzidas para o período de 5 meses.

Já no que se refere à brigada pertencente à Terra Indígena Porquinhos a mesma já vem atuando por três anos consecutivos e neste ano completa a quarta edição. A primeira se iniciou no ano de 2013 e desde então vem a cada ano sendo reconfigurada com novos ou antigos brigadistas que são selecionados através de um processo de seleção, processo este que segue um edital.

Para participar da seleção de brigadistas para o programa Prevfogo não é exigido que os candidatos fossem, necessariamente, todos eles indígenas ou pertençam somente à comunidade em que a brigada é instalada. No caso de os membros da comunidade que se candidatarem não sejam todos selecionados ou não se inscrevam em número maior ou igual ao de vagas, é possível complementar o número de selecionados com não-indígenas. Nesse caso as vagas remanescentes

são disponibilizadas para serem preenchidas por pessoas de fora da comunidade.

O processo de seleção dos brigadistas de prevenção a incêndios é realizado segundo um edital anual. O candidato tem que realizar de maneira satisfatória duas etapas de provas de caráter classificatório e eliminatório. A primeira etapa consiste de apresentação de um atestado médico que garanta a que o candidato está em condições físicas favoráveis para participar dos dois exames subsequentes: o Teste de Aptidão Física (TAF) e o Teste de Habilidade no Uso de Ferramentas Agrícolas (THUFA), que compõem a segunda etapa do processo.

Para esta etapa ambos os exames, e não apenas o THUFA, são realizados com as seguintes ferramentas: enxada e uma bomba costal cheia de água. Após aprovação nessa etapa o candidato tem um prazo estipulado para apresentar as documentações necessárias e assinar o contrato.

No que se refere ao TAF, o mesmo tem como objetivo avaliar a resistência muscular e a capacidade cardiovascular do candidato. O participante deve percorrer 2.400 metros com uma bomba costal cheia de água com um peso equivalente a 20 kg. O percurso deve ser feito em forma de caminhada e realizado em no máximo 30 minutos, tempo durante o qual o candidato estará sendo avaliado por uma equipe de servidores do programa Prevfogo, qualquer ato infracional, como correr ou não completar a caminhada no tempo estipulado implicará na eliminação do candidato.

Já o THUFA tem por objetivo avaliar a resistência muscular do participante (tal qual o TAF) e ainda atestar a habilidade de manusear as referidas ferramentas agrícolas. Para realizar esta avaliação o candidato terá como ferramenta uma enxada e com a mesma deve fazer tanto a capina quanto a retirada da vegetação capinada de uma área que tem as dimensões estabelecidas de um retângulo de 3 x 5 metros e deverá ser concluída no período máximo de 20 minutos. Nesta etapa serão analisados dois aspectos: a qualidade da capina e a limpeza do local. Cabe ressaltar que o não cumprimento da prova no período estipulado acarretará na eliminação do candidato.

É válido ressaltar que para estas etapas todos os membros que irão compor a brigada estarão sendo avaliados e submetidos à eliminação ou classificação, seja candidato a brigadista, brigadista chefe de esquadrão ou brigadista chefe de brigada. O número de componentes de cada brigada varia entre uma média de 15 a 29 integrantes, a depender da extensão e dos riscos. Já os turnos de trabalho são organizados de acordo com as escalas definidas pelo Prevfogo, sendo que cada membro tem por obrigação cumprir a carga horária de 40 horas semanais, a que se refere o salário. Já as remunerações variam de R\$ 880,00 a R\$1760,00 de acordo com a função e com direito a auxílio-alimentação, auxílio pré-escola, auxílio-transporte (quando couber) e seguro acidente quando couber cada uma destas complementações.

Após o resultado final e a divulgação da classificação geral dos candidatos aprovados que irão compor a brigada do Prevfogo, os mesmos realizam um curso de formação. O mesmo está organizado de modo que possui em média 5 (cinco) dias e com carga horária total de 40 horas, baseado na metodologia do IBAMA E ICMBio. Neste período os futuros brigadistas são apresentados e vivenciam tanto na teoria quanto na prática as atividades que irão exercer durante o período da brigada. O conteúdo do curso inclui os seguintes temas:

**Tabela 01** – Conteúdo ministrado no curso de formação de brigadista. Edição 2016

CONTEÚDO(S) MINISTRADO(S)
Abertura, apresentação e importância da UC- importância da brigada
Educação Ambiental, Histórico e efeitos do fogo no meio ambiente
Introdução: apresentação do Prev fogo
Sistemas de detecção: terrestre fixo, terrestre móvel, via satélite e aéreo
Comportamento do fogo em incêndios florestais
Sistemas de comunicação
Combate terrestre aos incêndios florestais
Noções de combate aéreo aos incêndios florestais
Queima controlada
Funções da organização para o combate aos incêndios florestais

Aula prática de organização da brigada: formar, numerar e nomear brigada: divisão dos esquadrões; eleição dos chefes de brigada e esquadrões
Aula prática com dinâmica de grupo, com o objetivo de fortalecer o trabalho em equipe
Aula prática de comunicação
Aula prática de acondicionamento, transporte, manuseio, e manutenção de ferramentas e equipamentos
Aula prática de caminhada/deslocamento com ferramentas e equipamentos
Aula prática de reconhecimento da área
Aula prática de instalação de base
Aula prática de instalação de biruta
Aula prática de manutenção e construção de aceiros: aceiro solo mineral, aceiro negro e aceiro trincheira
Aula prática de queima de expansão
Aula prática de abertura de linha de controle através do método progressivo funcional
Aula prática de combate terrestre baseado no sistema de área
Aula prática de combate terrestre baseado na construção da linha de controle, através do método direto, método dos dois pés, método paralelo e método indireto (uso do contra-fogo)
Aula prática de queima controlada
Aula prática de rescaldo, vigilância da área, e desmobilização
Nomenclatura e glossário
Noções de orientação: bússola, GPS, cartografia

**Fonte:** Compilação da estrutura do curso de formação referente ao ano de 2016 e tem como base a “Apostila para Formação de Brigadistas de Prevenção e Combate aos Incêndios Florestais”, do IBAMA editada em 2010.

Os brigadistas também realizam uma oficina ambiental promovida pelo IBAMA-Prevfogo, sobre queimadas e incêndios florestais, suas causas e consequências. O principal objetivo da mesma é trabalhar a dimensão da interculturalidade, procurando ouvir não só os brigadistas como também os membros da comunidade em geral dando importância à suas experiências e conhecimento que possuem relação com as causas de incêndios e como controla-los. Assim, o IBAMA a partir do conhecimento que os mesmos têm sobre a questão, realiza um debate com dinâmicas, vídeos, palestras e debates entre jovens, anciões, professores e demais moradores da comunidade, a fim de integrar o grupo de brigadista à comunidade, compartilhar e valorizar a importância destes saberes na atividade fim: combate e principalmente prevenção de incêndios.

Neste ano durante a oficina, que foi realizada no dia 25 de maio de 2016, ministrada por duas instrutoras do IBAMA observei que as mesmas subdividiram o público em cinco grandes grupos. Cada grupo tinha que atender à seguinte condição: de que cada grupo deveria ter a presença de brigadistas, anciões e jovens da comunidade. No momento foi solicitado que cada grupo realizasse dois desenhos, em um a aldeia em tempos atrás e no outro a aldeia nos dias de hoje. Em seguida os desenhos foram apresentados para todos, buscando com isso trabalhar a conscientização de modo que partisse de suas próprias visões de como combater e prevenir os focos de incêndios.

A dinâmica desenvolvida consistia na realização de um questionamento aos próprios membros da comunidade. A instrutora Rayra questionou os mesmos sobre o que, na opinião deles, estava provocando a escassez de caças, de água, dos frutos nativos e de outras coisas. Diante deste questionamento alguns membros se manifestaram atribuindo os problemas à existência dos focos de incêndios, que muitas vezes eram provocados tanto pelos não-indígenas caçadores quanto pelos próprios indígenas.

Após esse momento os brigadistas selecionados são convidados a se apresentarem para a comunidade. Aqueles que já tiveram experiências em edições passadas das brigadas do Prevfogo, aproveitam este momento para fazerem uma explanação sobre as dificuldades que enfrentam ao

desenvolverem o trabalho. E o que pude notar é que estes sentem falta do apoio da comunidade que, segundo eles, poderia atuar em parceria com os brigadistas.

Após essa apresentação da realidade local as instrutoras do IBAMA juntamente com os membros da brigada formada e a comunidade tentam, juntos, construir um diálogo em que a população se conscientize e passe a ter melhor noção da importância do programa dentro da terra indígena Porquinhos. A atividade é finalizada com a exibição de vídeo-aulas a fim de ajudar a internalizar o que foi discutido durante todo o dia.

Durante o período de execução da brigada Porquinhos, as atividades estão concentradas principalmente no combate a focos de incêndios que ocorrem na região. Os mesmos são mapeados e encontrados através de prestação de informações feitas por moradores das regiões próximas ou então quando são avistados pela comunidade. Já no momento em que a brigada não está combatendo algum foco de incêndio a mesma realiza o trabalho de prevenção, ou seja, conscientizando tanto os membros da Aldeia quanto os moradores dos povoados vizinhos.

Este trabalho de prevenção consiste em realização de palestras que são executadas pelos brigadistas no centro da aldeia ou através de conversas na própria casa dos membros da comunidade. O enredo é sempre o mesmo: falam sobre a importância da limpeza na aldeia, ensinam técnicas de queima segura das roças e alertando sobre a importância da ajuda da comunidade atuando em parceria com os membros da brigada.

## **O trabalho realizado pelos brigadistas do programa Prevfogo a partir da ótica da comunidade Indígena Porquinhos**

Para cumprir ao propósito de saber e compreender como a comunidade percebe o trabalho da brigada, eu apliquei questionário contendo dez (10) perguntas abertas a seis (06) membros da comunidade. O questionário foi aplicado em forma de conversa, buscando assim conseguir produzir as condições para acessar melhor as informações dos entrevistados. Foram selecionadas para as entrevistas: lideranças, anciões, professores, agente de saúde, jovens e uma mulher da comunidade.

As entrevistas seguiram um roteiro que partia da seguinte questão: “Como você avalia a natureza nas redondezas da Aldeia Porquinhos?” Para este questionamento existe uma divisão das respostas, um grupo expõe suas visões ligadas diretamente à questão das matas e outro faz referência à limpeza da própria aldeia.

Os que baseiam suas respostas fazendo referência às matas dizem que a natureza está fragilizada, reconhecem que de fato o meio-ambiente passa por uma agressão. Entretanto percebem também que aos poucos está havendo uma recuperação destas matas que foram atingidas pelos incêndios e atribuem ainda tal êxito ao trabalho que os brigadistas do Prevfogo vêm realizando, conforme aponta a seguinte fala:

Através dos brigadistas, a gente aprendeu a defender ainda mais a natureza, para não fazer queimada, proteger os animais, o cerrado e as frutas do cerrado, como: Cajuí, jatobá, bacuri, pequi, os frutos que a gente encontra no cerrado. De um tempo para cá melhorou muito, sempre a queimada aconteceu e acaba muito com as matas por causa de incêndios, mas com os brigadistas melhorou e melhorou também muito a limpeza da aldeia, como você está vendo quase não tem mais lixo e antes tinha muito lixo aqui na aldeia, quando eles chegaram, a gente começou a se preocupar mais com isso (ENTREVISTADO 4, 05 de abril de 2016).

Na fala acima, percebemos que o entrevistado acredita que houve um avanço significativo no que se refere ao ambiente da aldeia Porquinhos. Outro entrevistado elabora sua fala, que em alguns pontos converge e diverge do entrevistado acima. Este outro acredita que de fato houve uma melhoria na questão da limpeza, no entanto acredita que muito ainda precisa ser feito, e aponta que o processo de conscientização ainda é muito incipiente. Além disso, aponta, a partir de sua compreensão de como se deu o surgimento de tal problema, apontando o não-indígena como

responsável pela existência de lixo inorgânico dentro da Aldeia:

Eu estou pensando assim, se fosse por mim eu limpava para defender nossas famílias, porque não pode deixar sujeira! Monte de lixo e na época que começa a chover você sabe que aparece mosquito da dengue, e tem mais, chegou agora o chikungunya e tem mais outros por aí, a gente diz para as pessoas cuidar e limpar, mas tem gente que não houve, a gente fala para limpar, mas em um minuto já esquecem tudo. Os brigadistas quando estão trabalhando ajudam, mas quando não o povo esquece. Se fosse só eu mesmo morando nessa aldeia eu cuidava e tinha que apanhar lixo papelão, plástico para colocar em um saco e cobrar da prefeitura um carro para botar esse lixo e jogar lá longe e tocar fogo e deixar tudo limpo para quando chover a água não ficar presa em latinha e em nada para não da doença dos mosquitos aqui. Porque você está vendo como é que está a sujeira, e a gente tinha que pegar umas sacolas e botar amarradas para dizer “olha quando você for jogar plástico, joga aqui dentro!” porque aí depois a gente cavava buracos e colocava tudo dentro e tocava fogo. Olha o tanto que aqui está cheio de lixo aqui na Aldeia e você está vendo. Por isso que eu mesmo quero falar lá no pátio “gente, vamos olhar ao redor das nossas casas! A sujeira está grande, a casa está suja cheia de lixo!”, e até as crianças pegam e rasgam papel e jogam tudo na aldeia e nós temos é que cuidar para nos prevenir e não pegar essas doenças que estão atacando direto. Antes aqui na aldeia não tinha esse monte de sujeira, mas com os Kupun apareceu esse monte de garrafa e sacola que suja a aldeia toda. E também tem gente que vai para Barra do Corda só para pegar doença e trazer para dentro da Aldeia, foi por isso que o médico veio semana passada e disse que não ia deixar nenhum carro e só ia para Barra do Corda quem tivesse filho e ia resolver alguma coisa lá, porque lá na cidade doenças estão esperando você, porque se você for lá pega, traz para cá e O outro pega e remédio nesse tempo não tem, as coisas estão muito difícil. A gente deve fazer isso para ver se a gente atura até o tempo de velho (ENTREVISTADO 2. 04 de abril de 2016).

De acordo com a citação acima, o entrevistado aponta as consequências que o lixo ocasiona como ocasiona a proliferação e a chegada de doenças. O mesmo deixa claro que o meio de evitá-las seria a conscientização de todos ajudando e mantendo o ambiente limpo. Além disso, na fala do mesmo pode-se perceber que ele atribui ao contato com o não-indígena como sendo uma forma de propagação desses problemas. Alertando ainda que alguns indígenas contraem doenças na cidade e levam para aldeia, desse modo contaminando alguns outros membros.

Outro entrevistado acrescenta afirmando:

Antigamente aqui não tinha lixo, mas depois que o Kupun chegou para cá e a gente começou a ir para lá é que começou a aparecer esse monte de lixo, com sacolas de plásticos, litro de garrafa. Antigamente aqui num tinha nada desse lixo, o único lixo que tinha mesmo era folha de mato que tinha, mas agora não! Está cheio de lixo (ENTREVISTADO 1. 04 de abril de 2016).

Assim percebemos que eles atribuem a alguns hábitos dos não-indígenas como forma de interferir negativamente na limpeza, na saúde e na realidade deles. De posse dessas informações tenho a necessidade de compreender como se dá a relação entre os moradores da comunidade Porquinhos e os não-indígenas que frequentam a comunidade, e ao fazer esse questionamento eles dizem que possuem uma relação amigável. Apesar de dizerem que a relação é amigável aos



poucos vão especificando com quais não-indígenas (Kupen) a relação se dá desta forma, criando com isso modos diferentes de tratar determinados não-indígenas. Nas palavras de um entrevistado

A nossa relação com os brancos a gente se entende, nunca aconteceu coisas graves, ninguém nunca matou ninguém, a gente sempre faz troca com eles. Eles vêm aqui e trazem a produção deles e vendem para cá, a gente também sempre procura carne na casa deles e a gente nunca deu problema, mas através da demarcação esses moradores antigos enganaram a gente para não acontecer área grande, mais hoje está bom a relação. O Kupen nos trata bem e nós tratamos eles bem. Ele deve respeitar nossa cultura e nós a dele, através das nossas conversas com eles, sempre eles vêm participar da festa da cultura aqui e num tem briga não. Então essa é a relação entre nossa vivência (ENTREVISTADO 04. 05 de abril de 2016).

Como apresentado na fala anterior, o entrevistado diz que é uma relação tranquila, isso até o momento em que há uma relação em que o próprio indígena realiza o processo de troca de produtos ou compra dos mesmos da mão dos moradores vizinhos. Mas, a partir do momento em que a questão passou a se tratar de divisão territorial, esse contexto de uma relação estável pode tomar proporções conflituosas como apresentado, surgindo outra visão a partir da relação entre brancos e índios que muda também é quando há as festas na comunidade. De modo que, diferente do entrevistado acima, outro diz:

As coisas aqui na aldeia para nós não estão muito boas não, tem uns brancos que vêm para cá brincar com os meninos, e eu fico olhando nas festas eles com as mulheres e eu fico observando e isso é ruim, ruim até para mim mesmo porque com isso eles vêm trazendo as doenças também, aquelas doenças que se chamam DST e outras mais e aqui na aldeia já tem gente com essa doença, [...]. E por isso que eu digo que se fosse da minha parte eu botava o branco para ir embora, porque também não está nem respeitando, porque eles chegam e ficam caçando caça por conta, nesse ano mataram um monte de tatu e o pessoal que vêm levaram um saco de badogue (espingarda de armadura) e levaram para o Serra Branca e tem outras pessoas que vêm e levam lá para o matim. Matim é um setor que a gente chama e isso no meu ponto de vista não é bom não isso é muito difícil, tem kupen que quer vir casar e querer já ter direito. Negativo! A mulher é que tem direito mais ele não, então se fosse por mim afastava os kupen que vem, por que se não nós perdemos direitos nossos, porque eles querem casar com os índios e se isso acontecer a gente perde nossos direitos (ENTREVISTADO 2, 04 de abril de 2016).

Através desses posicionamentos, vemos que a relação não é tão amigável como foi sugerida no início, como apresentado anteriormente existe uma relação na qual o termo “amigável” só pode ser atribuído até certo ponto, como o próprio entrevistado diz: “o Kupen trata nós bem e nós trata ele bem, ele deve respeitar nossa cultura e nós a dele” (ENTREVISTADO 4, 04 de abril de 2016). Desse modo, enquanto houver respeito de ambas às partes, existirá uma boa relação, questão essa que segundo o Entrevistado 2, não está sendo de fato colocada em prática, pois apontam alguns não-indígenas como não respeitadores dessa ordem estabelecida, uma vez que no momento em que se adentra ao espaço da aldeia existem regras que devem ser cumpridas e os brancos que não as cumprem são visto como não sendo bem-vindos.

Essa ordem estabelecida está representada através do momento de chegada a aldeia, pois assim que se chega deve apresentar-se no pátio da comunidade, a fim de explicar aos anciões, cacique e demais membros da comunidade o que pretende fazer na comunidade. Afirmação essa que se encontra de forma perceptível na seguinte colocação:

Eu acho que a gente não pode tá empatando a pessoa de vir na aldeia, porque a cidade é para nós todos, então a aldeia também, a aldeia está liberada para todo mundo, mas só que quando está liberado para as pessoas que vêm fazer alguma coisa, agora para essas pessoas que vêm só para bebe e para caçar não!. E sempre que a pessoa vem aqui ela tem que se apresentar no pátio, e se não aparecer a gente manda ir embora, agora em época de festividade todos podem vir. Agora se for fazer alguma coisa na aldeia tem que ir no pátio dizer o que é que está vindo fazer (ENTREVISTADO 3, 04 de abril de 2016).

Dessa forma, percebemos que existe todo um ritual aonde o kupen que vai até a aldeia em momento que não seja festivo tem que se apresentar para membros da comunidade, no pátio. O referido ritual é um dos procedimentos que vai garantir o início do que possa vir representar uma boa relação entre ambos, relação essa que também será atribuída ao que vai garantir a permanência ou não do não-índio trabalhando ou prestando algum serviço para o Estado dentro da comunidade Porquinhos, pois

Quando o branco vem para cá ele sempre pede a comunidade, se a comunidade gostar dele e do jeito que ele respeita a comunidade aí a gente deixa, ele pode ficar, mas se tratar a gente mal a gente tira! A gente faz um documento e tira na mesma da hora, é assim que a gente faz com funcionário que trabalha aqui (ENTREVISTADO 4, 05 de abril de 2016).

Agora com o pessoal que trabalham aqui na saúde, na educação, eles são respeitados porque eles não fazem mal, já estão acostumados, agora se eles namorar e engravidar as meninas daqui ou fizer algo de errado aí fica difícil. Tem um pessoal que vem para cá e não diz nada no pátio, num diz o que eles vêm fazer, porque se você vem para aldeia tem que falar no pátio o que veio fazer (ENTREVISTADO 2, 04 de abril de 2016).

Em se tratando da atual relação com os não índios que trabalham dentro da comunidade, existe um respeito que é mantido através de regras que irão manter sua permanência, pois se algo que a aldeia Porquinhos defina como errado for praticado por algum funcionário, a pessoa passa por uma espécie de avaliação pelas lideranças da Aldeia e assim definem a permanência ou não do indivíduo que esteja executando o cargo público.

Após compreender como se ocorre a relação entre os Porquinhos e brancos, se questiona o que os entrevistados acham do trabalho realizado pelos brigadistas do programa Prevfogo. Todos os entrevistados dizem que apoiam as atividades desenvolvidas pelo programa e acreditam que o trabalho do qual vem sendo desenvolvido é de suma importância para preservação e manutenção da comunidade da aldeia Porquinhos, pois reconhecem que em tempos em que não havia brigada, tanto as incidências de incêndios eram maiores quanto a poluição dentro da aldeia, dessa forma, acreditam que o trabalho de conscientização que vem sendo desenvolvido pelo programa é um dos principais meios de combater os problemas decorrentes do fogo e da poluição, conforme nas seguintes falas:

Eu acho bom! Porque eu gosto muito dos brigadistas, acho bom esse projeto, porque eles ajudam muito a comunidade da aldeia, porque eles sempre andam muito, fiscalizam a terra, faz reunião no pátio e conversa com o povo para não tocar fogo, faz o ensinamento de como usar o fogo e limpa a fonte. É por isso que eles são bons para gente e para aldeia (ENTREVISTADO 3, 04 de abril de 2016).

Esse IBAMA que está chegando ele já está a 3 anos e vai para

4, esse IBAMA chegou e está corrigindo esse negocio de fogo, mas eu acho que o IBAMA num da conta sozinho não! E mais, só alguns meses do ano é muito pouco porque também o povo daqui não escuta não, e de vez enquanto um aqui vai e toca fogo, e não escuta a gente, a gente fala não bota porque está acabando com tudo, num está mais dando nem bruto, jatobá, está acabando tudo por causas das queimadas que deu, e esse frutos demora muito para crescer e produzir. Mas, agora não está dando fogo não, já tem um, dois a três anos que não dá, mais daqui um tempo se num cuidar o fogo vai chegar... Me lembro que antigamente não queimava com fogo não! Era muito difícil, só de uns tempos pra cá que começou (ENTREVISTADO 1, 04 de abril de 2016).

O pessoal que trabalha como brigadista, tem dia que tem falha no trabalho deles, porque tem merim que não entende, tem muito que não tão fazendo o serviço, ele bebe, faz briga e isso não pode, ano passado um brigadista tocou fogo na casa do companheiro e isso não pode é crime. E hoje nós estamos dizendo que quem bebe e brigar e não cumpre serviço não vai trabalhar, porque todo mundo tem que fazer direito o serviço, e ai tem uns que nem bebendo tão mais. Antigamente os mais velhos que morreram eles faziam o serviço bem feito, limpavam tudo as beiras do brejo e tudo com enxada até chega lá na beira do brejo, isso com a comunidade, mas agora não estou limpando, mas quando tem brigadistas eles começaram a limpar de novo e a comunidade também. Antigamente, quando eu era pequeno a aldeia era limpa não era igual hoje que tem sujeira resto de garrafa e não tinha isso, mas nós estamos falando para os mais novos para eles entender isso (ENTREVISTADO 2, 04 de abril de 2016).

De acordo com os entrevistados o trabalho que os brigadistas desenvolvem está pautado em ajudar a comunidade, no mesmo tempo que fazem o trabalho de prevenção terminam atingindo a vida social de membros da comunidade, como citado pelo entrevistado 01, pois os próprios indígenas estabelecem uma ordem interna entre eles e dizem quais as exigências devem seguir para que o Indígena do qual tenha interesse em concorrer a vaga de brigadista tenha o consentimento da comunidade para realizar o ato de inscrição, exigências essa apresentadas nas palavras do entrevistado 02 “hoje nós estamos dizendo que quem bebe e briga e não cumpre serviço, não vai trabalhar!” com isso, percebe-se que afim de manter a organização dentro da comunidade todos os assuntos são tratados pelas lideranças e decididos e cabem aos demais acatarem a ordem interna.

Com isso, necessita-se compreender como um dos públicos autores da pesquisa vê o fogo, ou seja, o que o mesmo representa para eles? Diante desse questionamento o parecer encontrado é que todos têm o fogo como algo ruim que servem como formar de destruir ou danificar algo, apesar de terem essa concepção termina classificando o fogo em duas categorias, uma que representa beneficio para a comunidade e outro representando destruição da natureza, questões essa impostas na seguinte fala:

O fogo para mim é uma coisa que não presta, que acaba com tudo, mas tem hora que ele serve porque a gente faz o de comer, aça uma carne, toca fogo numa roça para fazer corvara. O fogo ele é de dois jeitos, faz também o moqueado, porque de primeiro a gente só comia assim moqueando a carne. A gente cava um buraco no chão bota fogo e enrola o frango na palha de banana e bota no fogo e depois cobre colocando pedra por cima do frango que está enrolado na palha de banana e depois cobre com terra para não sair nada e depois está bom para comer (ENTREVISTADO 3, 04 de abril de 2016).

Com o presente argumento o entrevistado apresenta algumas das formas de utilização do fogo dentro da aldeia Porquinhos, apesar do mesmo não perceber de imediato, termina que deixando em evidencia que o fogo em si não é algo ruim e sim depende da maneira em que o mesmo for utilizado, deixando nítido que a falta do mesmo dificultaria muito a vida na aldeia, inclusive em mementos que agilizaria diversos afazeres como a questão da caça, da queima das roças, e entre outros, conforme é colocado pelo Entrevistado 4,

O fogo a gente usa no verão para queimar a roça, época em que o mato está mais seco, a gente também usava o fogo para caçada, aprendi com os mais velhos diziam que tem que pegar fogo para caçar, quando o animal está dentro do tronco de madeira aí a gente vai e toca fogo na ponta pra fumaça entrar e ele sair pra gente matar (ENTREVISTADO 4, 04 de abril de 2016).

Nesse caso a utilização do fogo é algo presente no dia a dia, tornando-se indispensável se for usado de maneira correta, questão essa que os próprios indígenas têm presente em seus diálogos, no entanto devido os grandes números de incêndios na região, inicialmente só conseguem ver o lado negativo do fogo. Pois, de acordo com as entrevistas já se houve muitos registros de incêndios onde foram provocados tanto pelos índios quanto pelos brancos que adentram as matas para fazer a caçada de animais presentes na T.I.

Durante o processo de preparação de roças também é um momento crítico, nesse sentido afirmam que após a implantação da brigada na aldeia o número de incêndios nas proximidades foi reduzido de forma significativa, pois o fogo só era controlado caso aproximasse das casas presentes na aldeia, se o fogo tivesse de certa distância não era visto como ameaça, conforme na seguinte fala,

A gente deixa para lá mesmo, se for longe porque a gente não dava conta de apagar, agora se o fogo chegasse muito perto da aldeia a gente corria com a comunidade, aí a gente fazia uma varrida bem grande para o fogo não passar porque se o pau seco caísse o fogo passava para o outro lado, aí depois nos levava cabaço de água e ia apagando. Agora hoje está muito melhor que de primeiro, a brigada toma de conta e num deixa o fogo nem de perto e nem de longe, é por isso que eu luto muito para que essa brigada daqui de Porquinhos não acabe e vai para outra aldeia, porque se não vai ficar muito ruim para nos tudinho, porque nos precisa muito dessa brigada aqui, a aldeia mesmo já foi limpa um bocado de vez por eles (ENTREVISTADO 3, 04 de abril de 2016).

Houve de fato uma mudança na forma com que o fogo passou a ser controlado pela comunidade a partir da implantação da brigada, pois, além de sentir uma segurança em relação aos incêndios próximos à aldeia, técnicas e habilidades que foram aprendidas durante o manejo da terra e do próprio fogo, afirmação que pode ser comprovada a partir da seguinte análise:

Se aparecesse fogo lá de longe a gente deixava ele por conta, a gente não tinha ideia de ir lá para apagar não. E na questão das roças a gente antes só limpava e deixava o mato queimar por conta, agora hoje a gente barre arredor que é para não queimar a mata, para não deixar o fogo passar. Quando a gente vai fazer uma roça e o brigadista está trabalhando a gente avisa para ele e ele vai com a gente e a gente avisa também para comunidade (ENTREVISTADO 2, 04 de abril de 2016).

Enfim, através dos questionamentos realizados os Canela-Apanjekra, em específico os membros da comunidade porquinhos, com intuito de saber o que os mesmos têm a relatar sobre o trabalho realizado pelos brigadistas contratados pelo programa IBAMA-Prevfogo, foi compreendido

que os membros da comunidade de fato acreditam na implantação do programa não somente como um dos principais meios de combater aos problemas causados pelos incêndios florestais, mas também como forma de restabelecer a limpeza na aldeia, a fauna e a flora que em algumas partes foram prejudicadas.

Acreditam ainda que, o trabalho não depende somente do papel que os membros do programa realizam e sim em um trabalho que a excelência seja adquirida através de uma parceria, onde brancos e Porquinhos possam trabalhar se ajudando, colocando desse modo a interculturalidade, como meio de adquirir respeito entre ambos e assim cooperando com a manutenção do programa, nas palavras dos entrevistados o processo de conscientização precisa ter continuidade, pois o programa atende as necessidades da comunidade.

### **Considerações momentâneas (finais)**

De acordo com as entrevistas realizadas com os moradores da comunidade Porquinhos a respeito do que acham do trabalho que a brigada vem desenvolvendo ficou evidente que apoiam o trabalho que os mesmos realizam, pois reconhecem na brigada uma forma de proteção diante dos incêndios florestais que ocorrem dentro e nas proximidades da terra porquinhos. Tal fator é que vem propiciando o retorno de animais que antes não eram mais vistos dentro da reserva.

Reconhecem também que o trabalho de conscientização é algo que chegou em um momento oportuno, porque técnicas do qual a própria comunidade aplicava antes no combate ao fogo hoje não são tão eficaz, como por exemplo a técnica de realizar as queimadas após uma chuva, hoje acreditam que utilizar a técnica do aceiro e sempre tendo a brigada como suporte durante a queima das roças é algo mais eficaz, visto que, o período de chuvas não está ocorrendo com a mesma intensidade que anos anteriores.

Desse modo acreditam que depois do aparecimento do programa na terra os focos de incêndios que chegavam próximo da terra passaram a ser eliminados com mais eficiência, por isso reconhecem o programa como uma forma de proteção contra os focos de incêndios que antes só eram controlados caso chegassem próximo às casas na aldeia.

No entanto reconhecem que para de fato o objetivo do programa seja atingido depende de um trabalho de conscientização por partes dos próprios índios e moradores dos povoados vizinhos à reserva, por esse motivo lutam para a continuação da brigada e mais ainda, que a mesma se torne algo permanente. Ou seja, o ano todo e não apenas seis (6) meses do ano, pois o trabalho de conscientização na visão dos moradores da aldeia ainda encontra-se de maneira inicial e que somente essa conscientização atrelada a um trabalho de parceria entre o IBAMA-Prevfogo com índios porquinhos e moradores de povoados vizinhos resultaria de fato em um trabalho de excelência.

### **Referencias**

BRASIL. Ministério do Meio Ambiente. Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade. **Apostila para Formação de Brigadistas de Prevenção e Combate aos Incêndios Florestais**. Brasília, 2010.

BRASIL, Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão - MPOG, Edital do IBAMA nº 51 de 12 de fevereiro de 2016 do Ministério do Meio Ambiente – MMA, atuação em Fernando Falcão/MA, na terra indígena Porquinhos.

CROCKER, Willian H.; CROCKER, Jean G. **Os Canelas: Parentesco, ritual e sexo em uma tribo da Chapada Maranhense**. Willian H. Crocker e Jean G. Crocker. Ed em português da 2ª Ed. Em inglês. Rio de Janeiro: Museu do Índio, 2009. 240p.

DAMATTA, Roberto. **Um Mundo Dividido a estrutura Social dos índios Apinayé**. Petrópolis, Vozes, 1976.

KOWALSKI, Andreas, **“Tu és quem sabe- Aukê e o mito Canela de “ajuda aos índios”/** Andreas Kowalski / Tradução: Peter Naumann /Ed. Brasília: Paralelo 15, 2008. 296 p.

NASCIMENTO, Luiz Augusto. **Prwncwyj**: Drama social e resolução de conflito entre os Apãnieckra Jé-Timbira. Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Rio Grande do Norte- UFRN. Orientador Dr. Edmundo Pereira, 2008.

SOUSA JUNIOR, de Afonso Farias. **DISLEXIA INSTITUCIONAL: FOGO, FUMAÇA E CINZAS EM RORAIMA**. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Sustentável) – Centro de Desenvolvimento Sustentável, Universidade de Brasília - UNB, 2006.

Recebido em 7 de julho de 2017.  
Aceito em 10 de outubro de 2017.